

## Formação étnica do Vale do Taquari

O Vale do Taquari desponta como uma das melhores regiões do estado do Rio Grande do Sul, fruto do jeito de ser de sua população, heranças das raças que formaram esse povo trabalhador, que hoje luta para tornar a região ainda mais produtiva. A população é uma mistura de etnias: aborígenes, afro-brasileiros, açorianos, alemães, italianos, poloneses e outras que juntas formam um Vale multicultural.

### Os aborígenes

Na região entre Tape e Ibiaçá localizava-se o Vale do Taquari. O rio das taquaras ou do barranco fundo, "Tibicuari" como chamavam os índios. Eles foram os primeiros a habitar as terras daqui. Nômades, construíram sua vida em diferentes lugares, de acordo com a oferta de alimento. Pescavam, caçavam e depois, plantavam para o sustento das famílias. Os índios ibiaiaras, apelidados de "bilreiros" pelos bandeirantes, dominavam a zona sul da província de Ibiaçá, mais a margem esquerda do Taquari. Os carijós habitavam mais à margem direita e seus afluentes. Todos falavam dialetos guaranis, o que facilitou a comunicação com os padres jesuítas espanhóis, que conheciam os guaranis do Paraguai.

O antigo Porto de Corvo, hoje Colinas, foi um dos pontos de concentração de índios escravos no Rio Taquari. Dados apontam à existência de índios patos na região. Teriam vindo rio acima, desde a Lagoa dos Patos, estuário do Guaíba, subindo pelo Rio Pardo, fugindo dos brancos. Taquari recebeu alguns dos agrupamentos indígenas que retornaram à região. Em 1842, eles eram 42, cerca de 2,4% da população.

Para conhecer e resgatar a formação étnica do Vale do Taquari é preciso começar pela civilização indígena. Os primeiros habitantes do Brasil tem raízes na região. Aqui viveram e deixaram suas marcas, como denominação do rio que banha diversos municípios do Vale.

Os cientistas não sabem precisar sobre em que data e de onde surgiram os primeiros habitantes do continente americano. Há três hipóteses: pelo centro, através da navegação; pelo sul, através da Patagônia; pelo norte, pelo estreito de Behring, seguindo pela Sibéria via Alasca. Esta ultima, a mais antiga, é aceita como mais provável.

Há pouco mais de meio milênio, os portugueses que tomaram posse do Brasil encontraram o índio brasileiro vivendo ainda na idade da pedra. Os padres jesuítas dedicaram-se a estudar os nativos, cuja maior nação era a tupi-guarani. Para facilitar a compreensão de sua evolução, os historiadores dividem a região sul e três grandes províncias: Ibiaçá, Tape e Uruguai. Não há unanimidade quanto a sua denominação ou localização de seus limites.



*Tipo indígena.*

## O que havia no Vale

É consenso que o Vale do Taquari se localizava entre o Tape e Ibiaçá. Antes do contato com os missionários, as tribos eram nômades. Quando aprenderam a plantar, algumas viraram sedentárias. Movimentavam-se pela floresta de acordo com a natureza, segundo os recursos disponíveis da fauna e flora, em busca de alimento e matéria-prima para seus instrumentos. Sabiam os períodos de caça, pesca e coleta de frutas, em especial o pinhão. Usavam os mesmos trilhos. Preferiam estabelecer-se nos mesmos locais, onde já conheciam as fontes de água, a abundância das frutas, raízes, moluscos e melhores condições para viver a temporada.



## Das taquaras ou barranco, o nome do rio

“Tibicuari” era o nome dado pelos índios para identificar o rio das taquaras, segundo uns, ou rio do barranco fundo, segundo outros. É desse termo que se origina a denominação do Tio Taquari. Recebendo água do rio das Antas, ele percorre duas áreas: a parte alta, ao norte, integrante ainda do planalto, com baixas temperaturas no inverno; e as partes média e alta, ao sul, com ondulações e várzeas, com temperaturas mais altas no verão. Esse dado geográfico influi na distinção de tribos indígenas e seu modo de viver.

## O dia-a-dia com a natureza

Dos rios e barrancos, os índios extraíam peixes, tartarugas, rãs, iraras, furões e jacarés. Nas demais estações que não o verão – época da criação -, caçavam antas, capivaras, ratões do banhado, cutias, pacas e preás. Árvores escavadas serviam de canoas. Nas florestas, os silvícolas buscavam a carne de veado, onça, tatu, javali e uma variedade de pássaros. Nos campos, encontravam ovos de ema, pombas, perdizes. Lebrões e lebres. Como armas, usavam arco e flecha, lanças e boleadeiras.

Os índios mais primitivos ainda viviam à era da pedra lascada. Os mais adiantados trabalhavam cascalhos e por isso pertencem à era da pedra polida. Em cestos de peles e de fibras de taquara e cipós transportavam a coleta de frutas, raízes, caça e pesca. Com pedras polidas faziam instrumentos de corta madeira e cavar troncos inteiros de árvores para fazer canoas e remos.

Raspavam a graxa da pele dos animais, curtindo-as ao sol, para usá-las como vestimenta para se defender do frio ou proteger a pele quando exploravam as florestas. As peles maiores serviam para cestos e ocas, tanto para paredes como coberturas. Embiras, cipós e tiras de couro serviam para unir as peles.

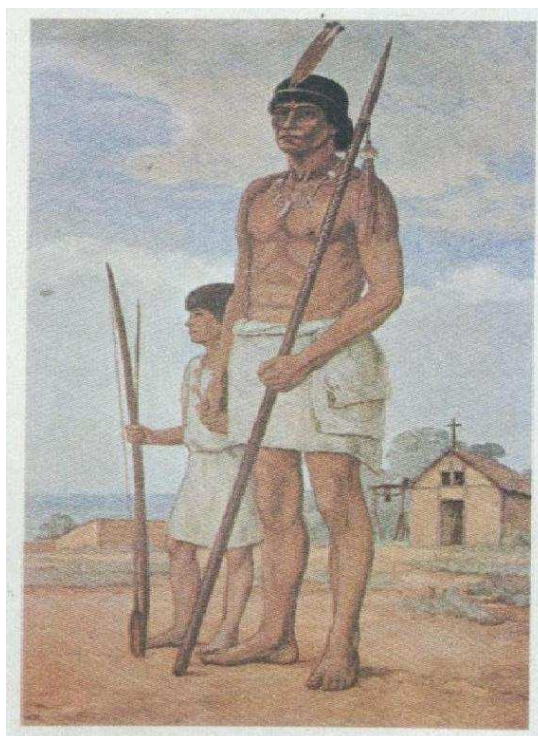
Como conheciam o fogo, as carnes eram assadas, ou cozidas, repartidas e consumidas pelo grupo. A coleta do pinhão, goiaba e outras frutas era tarefa das mulheres. Depois de um certo ritual, presidido pelo feiticeiro, os homens partiam para a caça. A menor era feita pelos jovens. O feiticeiro ou pajé fazia as vezes de sacerdote. Herdava e retransmitia os rituais da tribo, as principais crenças e os segredos da medicina, sempre aplicada com cerimônia e pajelanças.

### **Sem endereço fixo**

Nômades, os índios não tinham aldeias fixas, mas viviam como grupos errantes. Deslocavam-se de acordo com o que encontravam de oferta para alimentação. Se a temporada era mais longa, erguiam com rapidez suas ocas, ainda mais quando as famílias tinham crianças.

Os missionários queriam acabar com a vida nômade dos índios, pois ficava difícil acompanhá-los em suas andanças pelo mato e ensiná-los o Cristianismo. Era preciso reduzi-los em aldeias, para construir igrejas, escolas e povoados. De reduzir vem a palavra redução. As reduções jesuíticas mais importantes são os Sete Povos das Missões.

Os primeiros missionários a catequizar os índios no Rio Grande do Sul foram portugueses. O padre Leonardo Nunes, em 1550, tivera contato com nativos da Província de Patos. Nova tentativa portuguesa foi iniciada em 1605. A falta de mais padres e a sua distancia da residência dos padres em São Paulo impediram que os missionários conseguissem aldear os índios da região. Já os bandeirantes paulistas preferiam escravizar silvícolas já catequizados, por serem mais dóceis, mansos e aceitarem o sofrimento com condição para a felicidade eterna. Os padres ensinavam a obediência ao rei e à autoridade.



**Fonte: Publicações de José Alfredo Schierold  
Fotos meramente ilustrativas**